



v.13, n.27, 2016

Extra

Dossiê Teoria Crítica

MARCUSE E O BIOPODER: COMO A LIBERDADE SEXUAL TRANSFORMA-SE EM UM INSTRUMENTO DE CONTROLE SOCIAL [MARCUSE AND BIOPODER: HOW SEXUAL FREEDOM BECOMES AN INSTRUMENT OF SOCIAL CONTROL]

Alexandre de Moura Barbosa

Professor da UECE.

Doutor em Filosofia pela UNICAMP.

E-mail: alexandre.barbosa@uece.br

RESUMO ABSTRACT

Proponho mostrar uma interpretação de “Homem unidimensional” acerca da liberdade dos corpos na sociedade industrial. Se outrora houve uma grande promessa da técnica de promover a liberdade pela Razão, o que ocorreu foi um paradoxo nessa sociedade industrial como sujeita a uma irracionalidade na dependência das necessidades e carências o que, por fim, constituem os indivíduos imersos nessa unidimensionalidade. Nessa imersão há um “controle social” caracterizado pela utilização das necessidades como instrumentos de cooptação na produção e no consumo no interior da sociedade industrial. A liberdade sexual ou dos corpos está submetida a esta forma de cooptação ideológica por parte das necessidade e consumos no interior dessa sociedade. O que podemos ver é que há uma forma de “biopoder” nesse “controle” que vai para além da mera sociedade repressiva, trata-se de uma transformação de substituições e sublimações de desejos e das forças libidinais em novas formas de necessidades e consumos que submetem a liberdade e, particularmente, a liberdade sexual e dos corpos ao controle social.

I propose to show an interpretation of “One-Dimensional Man” regarding the freedom of the bodies in the industrial society. If once there was a big promise to promote a technique of freedom by Reason, what happened it was a paradox in this industrial society as subject to an irrationality in the dependent needs and shortcomings that, eventually, constitute the individuals immersed in this one-dimensionality. In this immersion there is a “social control” characterized for using the needs as instruments of co-opting in the production and consumption inside the industrial society. The “sexual freedom” or of the bodies are submitted to this type of ideal co-opting by the needs and consumes inside that society. What we can see is that there is a kind of “biopower” in this “control” that goes beyond the usual repressive society, it is a transformation of substitutions and sublimations of desires and libido strengths in new types of needs and consumption that submit freedom and, mostly, sexual freedom and the bodies to the social control.

PALAVRAS-CHAVE KEYWORDS

Teoria crítica; Marcuse; Biopoder

Critical theory; Marcuse; Biopower

1 Introdução a questão

As sociedades contemporâneas dotadas de liberdade, conforto razoável e democracia que constituem uma civilização industrial é marcada pelo desenvolvimento técnico e tecnológico. Há um redimensionamento da individualidade nas organizações com vista a concentração cada vez mais eficiente e produtiva, que marca uma competição tecnológica necessária para a satisfação das necessidades. A escola de Frankfurt utilizou até certo ponto o conceito de racionalidade na análise da civilização ocidental contemporânea industrializada. O objetivo principal dessa escola filosófica era fazer uma análise radical a esta racionalidade técnica suas influências da vida dos indivíduos e em suas instituições políticas e econômicas. Marcuse tematizou bem este fato, onde tal ordem tecnológica compreende uma coordenação política e intelectual é tanto um acontecimento lamentável quanto promissor para o próprio sistema, onde como veremos, reside sua contradição interna. Esta elaboração de uma teoria crítica da sociedade industrial desenvolvida marca aspectos distintivos dessa sociedade e sua relação com a razão técnica e tecnológica.

Hebert Marcuse analisa em seu livro o “Homem unidimensional” esta questão no interior da sociedade industrial desenvolvida, na qual o aparato técnico de produção e distribuição não são meras somas totais de instrumentos que possam ser isolados de seus efeitos sociais e políticos, mas antes, como um sistema que determina uma totalidade.

Para Marcuse, há nessa inflexão da razão tecnológica e seu progresso, uma certa ausência sutil da liberdade no interior dessa sociedade; de modo que afeta tanto as instituições sociais políticas e a economia quanto o próprio indivíduo em seu aspecto existencial concreto. Desse modo, vemos nesse livro, um exame das raízes dos fatos que marcam toda uma “irracionalidade” no interior da “racionalidade tecnológica”. De uma forma geral no capítulo “Novas formas de dominação”, Marcuse tematiza a forma como a vida e os corpos podem ser doutrinados dentro da tecnicidade racional instrumental do capitalismo, assim tornando a vida gradativamente dentro de uma dependência dessa relação, o que compromete a capacidade de liberdade e revolução frente a esta questão (MARCUSE, 1984, p.23 ss).



2 Liberdade tecnológica e totalitarismo

“Os direitos e liberdades que foram fatores assaz vitais nas origens e fases iniciais da sociedade industrial renderam-se a uma etapa mais avançada dessa sociedade: estão perdendo o seu sentido lógico e conteúdo tradicionais. Liberdade de pensamento, liberdade de palavra e liberdade de consciência foram - assim como o livre empreendimento, que elas ajudaram a promover e proteger - ideias essencialmente críticas destinadas a substituir uma cultura material e intelectual obsoleta por outra mais produtiva e racional. Uma vez institucionalizados, esses direitos e liberdades compartilharam do destino da sociedade da qual se haviam tornado parte integral. A realização cancela as premissas.” (MARCUSE, 1984, p. 23)

Primeiramente em uma perspectiva humanista e iluminista, colocou-se a promessa

sa da razão tecnológica que libertaria o homem para usufruir de sua vida com a liberação da labuta pesada. Uma posição em que existiria emancipação política, econômica e intelectual dos trabalhadores na medida direta de sua dispensa do trabalho pesado, agora mecanizado. A razão teria sua função mais elevada espiritualmente e, assim, a existência teria suprida todas suas necessidades voltando-se a uma liberdade superior, emancipatória. Contudo, o que se viu e se vê é exatamente o contrário, a absorção da “razão tecnológica” pelo sistema capitalista, que não implica em ampliação de “tempo livre” para vida, muito pelo contrário, há uma crescente alienação da vida por essa tecnologia. A razão em seu projeto moderno iluminista perde essa autonomia e sua força emancipatória, para se tornar uma força totalizante e alienante não só dos indivíduos, tal como para as instituições políticas, acadêmicas e econômicas como um todo.

“Do mesmo modo, liberdade intelectual significaria a restauração do pensamento individual, ora absorvido pela comunicação e doutrinação em massa, abolição da “opinião pública” juntamente com os seus forjadores. O tom irreal dessas proposições não indica seu caráter utópico, mas o vigor das forças que impedem sua realização. A mais eficaz e resistente forma de guerra contra a libertação é a implantação das necessidades materiais e intelectuais que perpetuam formas obsoletas da luta pela existência.” (Idem, 1984, p.25-6)

Para a leitura marcusiana, essa sociedade é marcada por aparatos produtivos que tendem a tornar-se “totalitários”. A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de “controle social” e “coesão social”. O que tende a se tornar “totalitária” por tais controles parece ser o que Marx chamou no primeiro capítulo do *Capital* sobre A Mercadoria: “É apenas uma relação social determinada entre homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 2013. p. 147). Segundo Marx, a fantasmagoria seria esta inversão metafísica entre mercadoria e o trabalho social, o que obscurece as próprias contradições sociais; de uma forma geral, Marcuse compreende esta “fantasmagoria” dentro dessa “razão instrumental” iluminista e o aparente “estado-de-bem-estar-social”. Desse modo, podemos dizer que nas particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de “neutralidade” da tecnologia não se sustenta, ou seja, a “tecnologia” não pode ser isolada da realidade de seu uso. A “sociedade tecnológica” é um sistema de dominação que já opera no conceito; e na elaboração das técnicas. A razão coordena os meios com os fins por natureza, fora transformada em um instrumento formal nessa busca pelo progresso. Instrumentalizou tudo, da organização social à maquinaria fabril, militar e doméstica, tornou-se um relação calculada entre fins e meios com vistas a uma melhor eficiência e produtividade. Como veremos, esta questão é exposta no texto *Tecnologia, guerra e fascismo* (ver. MARCUSE, 1999), em que o autor faz uma análise do regime totalitário nazista do “Terceiro Reich” hitlerista e como este totalitarismo estava ligado a “razão instrumentalizada” em todos os âmbitos da vida dos indivíduos, inclusive no corpo, no sexo. Segundo Carneiro, em “Sobre a concepção totalitária da vida”:



“No interior da concepção hitlerista da doutrina, Minha luta se ocupa de algumas leituras assistemáticas e tendenciosas de uma “economia vitalista”, em que a mão invisível da natureza é a verdadeira reguladora. Seria este o principal mote do capítulo “Povo e raça”, o último capítulo da Primeira Parte de Minha luta que prepara o leitor para a doutrina nazista, explicitada na Segunda Parte da obra. Mais do que os mecanismos reguladores da Economia e do Estado, seria a natureza que prepara o destino histórico dos homens. Neste caso, natureza e vida são quase sinônimas. Afinal, atentar aos princípios rigorosos e frios da natureza significa municiar-se em grande parte de informações com as quais o homem pode operar sua existência junto à natureza, em seu processo milenar de preservação e seleção da vida das espécies.” (2011, p. 183)

O progresso técnico produz uma sociedade que na superfície concília os conflitos, incluindo as classes na acessibilidade das satisfações das necessidades, assim tanto um proletário quanto um burguês tem acesso às mesmas mercadorias, simulando uma igualdade de classe no acesso as mesmas mercadorias. Do mesmo modo, há uma “pseudo liberdade” de escolha comum da diversidade de mercadorias do capital. Esta liberdade e acessibilidade aos recursos tecnológicos não destitui ou acaba com as classes, mas obscurecem as bases da crítica, pelo arrefecimento do antagonismo entre burgueses e proletários. Este progresso tecnológico transforma a sociedade em uma sociedade sem oposições, impedindo a real liberdade da labuta, tornando-se unidimensional.

O potencial de produtividade e crescimento desse sistema estabiliza a sociedade e contém o progresso técnico dentro da estrutura de dominação. A racionalidade tecnológica ter-se-á tornado uma racionalidade igualmente política.

Desse modo, tratar-se-ia de uma meta a ser alcançada as aptidões da civilização industrial desenvolvida, sendo mesmo a *finalidade* da própria “racionalidade tecnológica”. Todavia, “opera-se uma tendência oposta: o aparato impõe suas exigências econômicas e políticas, além da expansão do tempo de trabalho e do tempo livre, a material e intelectual” (MARCUSE, 1984, p.24). O que na sociedade industrial tende a se tornar totalidade, pois “tempo livre” é tempo de consumo, se situa negativamente em relação ao sistema, repõe a necessidade dele no interior do mesmo (nenhum âmbito da vida acaba fora desse sistema). Aqui temos de expor esse totalitarismo não apenas na coordenação política da sociedade, porém técnico-econômica, mas que opera por manipulação das necessidades a manipulação da própria “massa” - como individualidades alienadas (MARCUSE, 1984, p 24-25).

O governo dessa indústria desenvolvida, só pode se manter pela mobilização e organização por parte dessa razão técnica-tecnológica, em que busca produtividade acima de qualquer interesse individual (um bom exemplo seria o neoliberalismo tecnocrata). O processo social tecnológico de “controle social” que é totalitário, que é uma dominação que absorve as alternativas de pensamento opostas, tanto por repressão quanto por uma super abundância dessas satisfações de necessidades. Dessa forma, vemos uma elo comum entre a hipótese repressiva em Ero e civilização, em que a repressão sufoca as necessidades humanas pela restrição das satisfações, quanto agora em



um “estado-de-bem-estar-social” que provoca por sua abundância de satisfações, uma inércia crítica frente às contradições do real.

3 Eros e civilização e O Homem unidimensional: Da repressão à liberdade, o mesmo Capitalismo

Sobre esta “hipótese repressiva”¹ em Eros e civilização de Marcuse vemos a exposição do problema das satisfações das necessidades na sociedade industrial avançada contemporânea. Para entender a questão é preciso ressaltar as bases dessa análise que é Freud em dois de seus principais artigos psicanalíticos: Além do princípio do prazer e Mal-estar na civilização (ver FREUD, 2013) . Para Marcuse, Freud teria dado as bases críticas da constituição da sociedade humana e de sua psique, pois como diz: “a história do homem é a história de sua repressão”, de como filogeneticamente no gênero que segue esta mesma determinação ontogenética do indivíduo (MARCUSE, 1964, p.37). Assim, os impulsos animais se convertem em impulsos humanos nas interações com a realidade externa, e as diversas formas de coação e repressão, constituindo um mundo sócio histórico (idem, p.37).

Para Marcuse, esta interpretação é essencial para se compreender a realidade da sociedade industrial avançada, pois o progresso intensificado pela forma da razão tecnológica parece estar vinculado a uma igualmente intensificada ausência de liberdade. Assim como expressava Rousseau, “o homem nasceu livre, mas em toda a parte está a ferros. Este se julga senhor dos outros e é mais escravo do que eles (Contrato social, 2010, Ad Astra et Ultra: Oeiras, Portugal, p. 17). Para Marcuse, por todo o mundo da civilização industrial, há “o domínio do homem pelo homem”, que está diretamente ligado ao âmbito da “eficiência”, com base na razão técnica-tecnológica e instrumental. Assim sendo, não é uma repressão incidental e puramente transitória, mas está ligada historicamente a causas do próprio “progresso” dessa sociedade.

Do ponto de vista de Marcuse, há uma “satisfação adiada” pelo trabalho, que se contrapõe a satisfação imediata dos desejos, o que permite uma mediação do trabalho que objetiva-se em um consumo postergado. Assim, os valores instintivos sofre transformações do princípio de prazer para o princípio de realidade; de forma que o inconsciente principio de prazer que irrestritamente entra no conflito entre natureza e humano, sofre um ruptura traumática que o faz adiar seu prazer, em uma perspectiva de um prazer futuro. Portanto, o princípio de realidade supera o de prazer restrito, porém garantido em um porvir. O princípio de realidade não nega ou destrói o de prazer, apenas o modifica, vertendo a potência libidinal para outras possibilidades. Esta potência libidinal é

1 Ver CARNEIRO, 2014, p.: “De fato, entre os dois autores resultam dois modos econômicos de interpretação da biopolítica. Marcuse se orienta pelo modelo repressivo de uma economia libidinal. Recupera assim o discurso freudiano sobre as energias pulsionais em uma nova dialética da vida que permite compreender a ordem social dos desejos no conflito entre pulsões sexuais. Ao passo que Foucault opera um modelo normalizador de uma economia do poder”. A expressão hipótese repressiva é algo utilizado por Foucault em história da sexualidade, o que não quer dizer que iramos remontar as origens conceituais dital termo, apenas mostrar como é possível ver em Marcuse uma crítica da forma social que se constitui com o capitalismo.



o que move o “homem”, sendo o trabalho uma realização dessa força do libido sublimado e modificado.

A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade é o grande acontecimento traumático no desenvolvimento no homem no desenvolvimento do gênero (filogênese), tanto quanto do indivíduo (ontogênese). Segundo Freud, esse evento não foi único, pois repete-se ao longo da história da espécie humana e decada um dos seus indivíduos (MARCUSE, 1964, p.35)

Esta exposição fenomenológica do indivíduo se reflete da espécie, seja filogenética ou ontogenética, temos estruturas psíquicas e sociais que permanecem. Desse modo, mesmo após o tomada do domínio do prazer que era monopolizado pelo “pai primordial”, seu domínio é introjeção em um outro nível, a constotuição do social pelo trabalho, de modo que nas sociedades fraternais desenvolveu-se uma ordem social e política com base na institucionalização. Ou seja, o princípio de realidade materializou-se em um sistema de instituições, impondo ordens, leis, e suas transmissões às futuras gerações. O prazer que a civilização reprime e domina no homem, ainda continua existindo na própria civilização. Na verdade é condição “si ne qua non” de sua própria existência.

Desse modo, vemos uma relação direta entre a forma repressiva e a sociedade industrial avançada, isto é, a hipótese de leitura de Eros e civilização e homem unidimensional se complementam, mostrando como estas relações de necessidades e satisfações de desejos na sociedade industrial se tornou uma forma totalitária de dominação de um aparato social. Ou seja, a forma repressiva de dominadora se coaduna com a forma não represiva do desejo unidimensional dos homens.

4 Liberdade e biopoder: novas forma de dominação e o “desejo unidimensional”

Marcuse levanta em Eros e Civiliação uma hipótese repressiva freudiana que começa com esta dominação e repressão dos prazeres dentro da sociedade industrial avançada como um aparato de controle social totalitário. Expor a meta de uma “unidimensionalidade” e uma repressão com precisão este momento do domínio, da doutrinação dos corpos em formas repressivas que tornam o trabalho e linguagem e a civilização possível. Desse modo, a vida é captura na medida direta a uma alienação do trabalho que foi completamente concluída e é absolvida pelo próprio poder (tanto tempo de trabalho como livre são partes do mesmo): “Sob essa ilusória superfície, todo o mundo de trabalho e sua recreação se tornou um sistema de coisas animadas e inanimadas todas igualmente sujeitas à administração” (MARCUSE, 1984, p. 140) .

O problema moderno é como a multiplicidade de vontades e desejos podem ser coagidos e alienados em uma forma abstrata que é a soberania do poder do estado, como cerne o “corpo” político do estado ou a forma como próprio “corpo” fora pensado na modernidade, como instrumento mecanico.

Desse modo, o poder repressor gradativamente dá lugar à sua exposição de uma forma refinada e sutil de poder, um poder disciplinador, na verdade para Marcuse ambos

se complementam. Esta forma se expressa melhor no capítulo sobre “Novas formas de dominação” de Homem unidimensional a forma doutrinária que absorve e condiciona os desejos, reconduzindo o mal está uma satisfação superficial que obnubila a crítica social.

Dessa forma, se tem que a ordem e a própria dependência a uma necessidade explorada pelo capital no “estado de bem estar social”, é uma dominação. Logo podemos dizer que esta abundância de “falas sobre o sexo” assim com a “liberdade sexual”, se tornou na verdade uma forma de “dominação do corpo” pelos discursos investidos pela “razão Instrumentalizada”.

“Não é, portanto, de admirar que, nos setores mais desenvolvidos dessa civilização, os controles sociais tenham sido introjetados a ponto de até o protesto individual ser afetado em suas raízes. A negativa intelectual e emocional de “prosseguir” parece neurótica e impotente. Se é o aspecto sócio-psicológico do acontecimento político que marca o período contemporâneo: o desaparecimento das forças históricas que, na fase anterior a sociedade industrial, pareceu representarem a possibilidade de novas formas de existência” (MARCUSE, 1984, p. 30)

A liberdade e em especial a liberdade sexual, foram capturadas e instrumentalizadas como formas de dominação pela sociedade capitalista. A unidimensionalidade em todas as esferas da existência humana, acaba por dominar também os desejos, os corpos e as relações sociais em todos os âmbitos. Marcuse analisa o totalitarismo do Terceiro Reich Alemão como exemplo notório desse poder e como este mesmo governo fascista totalitário, mesmo em seus momentos de liberdade sexual e com “algumas abolições dos tabus amplamente aceitos é uma das ações mais ousadas do nacional-socialismo no campo da dominação social” (1984, p.126), ainda é totalitário. Como se vê, não há uma diferença grande entre totalitarismo explícito do “fascismo-nazista” e a forma totalitário do próprio capitalismo na sociedade industrial liberal. Vemos isso, com as seguintes afirmações de Marcuse: “a emancipação da vida sexual” no fascismo explícito, tem uma função de controle bem definida e cientificamente controlada, com vista, a uma eugenia, inclusive nas “relações e casamentos”, para ressaltar fenótipos desejados. Desse modo os instintos uma força avassaladora da natureza estão presos a uma certa finalidade externa (MARCUSE, 1999, p.127). “A vida sexual tornou-se uma questão de treinamento e manipulação política.” (Idem, 1999, p128). Desse modo, “os indivíduos que o prazer íntimo é estimulado e sancionado pelo Estado são propensos a se tornarem seus obedientes seguidores” (Idem, 1999, p. 128)

Na sociedade industrial, do início do pós-guerra do século XX, o que se vê é igualmente uma crescente da liberdade e mesmo uma dominação, que possui uma função social: a recondução dos indivíduos ao próprio sistema, em que tanto suas carências e como as suas satisfações de necessidades individuais obscurecem uma visão crítica da própria realidade. De fato, podemos dizer com Marcuse, que essas “necessidades tem um conteúdo e função sociais” (1984, p. 26). Assim, ele dividiu entre necessidades “sublimadas” e “não-sublimadas”, o recurso a categoria sublimação, de ordem psicanalítica tem como questão exatamente (como expresso em Eros e civilização), mostrar que

BARBOSA, Alexandre de Moura. Marcuse e o Biopoder. p. 43-53.



nossas relações sociais e íntimas estão concatenadas entre ambas. Sublimar uma necessidade é já suspendê-la, o que marca a própria satisfação com um deslocamento. Os desejos acabam de ficar restritos e dominados por uma substituição dos objetos, isto é, há movimento de inebriar os desejos, controlando as mercadorias como objeto de desejo para suprir as necessidades em todos os âmbitos do vida humana, que agora se reduz à pura “unidimensionalidade”, da mesma forma o próprio desejo se reduz ao “unidimensional”. Dessa forma,

quanto mais racional, produtiva, técnica e total se torna a administração repressiva da sociedade, tanto mais inimagináveis se tornam os modos e os meios pelos quais os indivíduos administrados poderão romper sua servidão e conquistar sua própria libertação. (MARCUSE, 1984, p.28)

Como Marcuse lembra Hegel, se a consciência da escravidão seria essencial para o reconhecimento da própria liberdade, com tais desejos satisfeitos, não há porque se revoltar ou refletir sobre a própria realidade, fica em uma certa anestesia social e política, frente ao desejo unidimensional. Sem esta consciência servil esta mediação reflexiva igualmente fica então comprometida.

Vemos com Marcuse uma tentativa de compreensão da sociedade industrial contemporânea e capitalista, o que se expõe é exatamente a forma como o poder se instala na dominação totalitária da existência humana, seja uma forma científica de dominação das ações, o sexo e etc, – na forma de um disciplinamento dos desejos, com introjeções, sublimações e transferências, como dominação corporal dos indivíduos concretos. Em ambos os casos a razão instrumental científica que é dominada pelo capitalismo é o objetivo da crítica, visto em Marcuse, reduzir o homem a uma única dimensão. A crítica a forma científico-tecnológica do discurso como doutrinadora vai exatamente na mesma direção, ou seja, como uma disciplina e doutrinação dos desejos corporais pela ciência.

Dessa forma, a dominação técnica da sociedade atinge toda a vida humana, a reduzindo a uma forma unidimensional de ser. O homem tento socialmente, economicamente, institucionalmente e corporalmente fica sob esta dominição. O que chamamos atenção é para como este dominição pela satisfação se oferece como uma forma de ser unidimensional da liberdade e em especial da liberdade sexual, como dominição dos corpos, então o uso da palavra biopoder faz todo sentido aqui. Apesar de um conceito não utilizado pelo autor, no entanto, descreve bem a relação de poder sobre os corpos vivos: a vida, o desejo, o corpo, tudo é unidimensionalizado. O que marca o contraste de uma época de mudanças, de desejos de mudanças, com uma força reacionária e conservadora, que tende a manter tudo como está, uma contradição dialética de uma época. Contudo, uma forma que até hoje perdura no obscurecimento fantasmagórico da realidade social.



5 Considerações finais

O que Marcuse se propõe é fazer uma crítica primeiro a forma repressora do capital, com “Eros e civilização”, mostrando como os desejos são adiados para construção social pelo trabalho e como esta forma de sublimação dessa força vital libidinal é cooptada pelo capitalismo. O que constituiu o humano pelo trabalho se torna alienado dele mesmo, ao que lhe é estranho, como Marx fala no trabalho Alienado no Manuscritos:

Como poderia o trabalhador defronta-se alheio (fremd) ao produto da sua atividade se no ato mesmo de produção ele não se estranhasse a si mesmo? O produto é, sim, somente o resumo (resumé) da atividade, da produção. se portanto o produto do trabalho é a exteriorização, então a produção mesma tem de ser exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização. No estranhamento do objeto do trabalho resume-se somente o estranhamento, a exteriorização na atividade do trabalho mesmo.” (MARX, 2004, p.80)

Contudo, a posição de relação entre “objetivação” e “sublimação” de “Eros e civilização” é complementada com a posição de Homem unidimensional. Para Marcuse, a sociedade pós-guerra, tomou uma forma de satisfação de desejos por desenvolver necessidade e mercadorias, o que marcou o surgimento de uma forma social de “bem-estar” que acabou por arrefecer o negativo-crítico, o que constituiria a nova forma central dessa forma de domínio social. Tanto a repressão de um lado quanto a satisfação dentro do controle social de outro, em ambos os casos o que se vê é uma cooptação da liberdade e dos corpos frente ao capitalismo dessa sociedade industrial avançada.

Se por uma lado, há uma crescente liberdade de decisão e sexual nessa sociedade, ela vem igualmente dotada de uma forma de controle social que visa uma certa eficiência, algo como uma intervenção técnica e tecnológica sobre a vida e sobre os corpos. Tornando eficiente o trabalho e o consumo o que se impediu fora uma crítica social consistente, já que não haveria uma diferença tão grande entre os burgueses e os proletários em uma sociedade como esta, em que os desejos possuem quase as mesmas magnitude e intenção dentro de um “bem-estar-social”. Se o “estado-de-bem-estar-social” promoveu dessa forma uma diminuição da contradição social, igualmente tornou claro que a mesma posição, evidenciou o que queria esconder, a própria contradição sistêmica. Aqui Marcuse analisa uma dialética histórica entre o que é parte desse controle social e o desenvolvimento tecnológico dessa mesma sociedade avançada.

Em um mundo em transformações, a resistência a uma revolução deve ser de tal magnitude e dissimulação que possa arrefecer e obscurecer todas as contradições aparentes da forma mais eficiente possível. Aqui podemos ver como o desejo não pode ser entendido apenas dentro de uma interpretação repressora, mas que deve ser reconduzido pela unidimensionalidade, que constituirá o próprio homem dentro dessa relação social, a forma de uma aparente satisfação e liberdade. A aparência de liberdade é o que marca este controle unidimensional dos corpos, o que queremos mostrar era exatamente isso: A liberdade e mesmo a liberdade sexual dos corpos – longe de ser uma real revolu-



ção sexual – ainda são formas reintegradas no interior do capitalismo, que se caracteriza já em um biopoder do capital e do estado como sua expressão totalitária sobre âmbito da vida.



REFERÊNCIA

CARNEIRO, S. R. G. "Sobre a concepção totalitária da vida". **Cadernos de Ética e Filosofia Política** 18, 1/2011, pp.179-196.

_____. **Poder sobre a vida: Herbert Marcuse e a biopolítica**. 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Industrial** – o Homem Unidimensional, trad. Giasone Rebuá, 6a ed. R. Janeiro: Ed. Zahar, 1984.

_____. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. trad. Maria C. V. Borba, S. Paulo: Edunesp, 1999.

_____. **Eros e Civilização**- uma interpretação filosófica de Freud, trad. A. Cabral, S. Paulo: Círculo do Livro, 1968.

FREUD, S. **O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e Outros textos** – 1930-1936 (Obras completas), vol. 18, trad. Paulo C. de Souza, São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

MARX, K. **O Capital** - Crítica da Economia Política. Trad. Rubens Enderle, S. Paulo: Biotempo, 2013.

_____. Trabalho estranhado e a propriedade privada. In: **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Boitempo: São Paulo, 2008, pp. 79-90

* * *

BARBOSA, Alexandre de Moura. Marcuse e o Biopoder: como a liberdade sexual transforma-se em um instrumento de controle social. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 13, n. 27, 2016, p. 43-53.



Recebido: 10/10/2016
Aprovado: 05/12/2016

